

Ganhar à guerra

A propaganda inglesa, francesa e americana na primeira guerra mundial 1914 – 1918

A propaganda para fins militares foi, sem dúvida, uma grande arma nas mãos dos aliados ocidentais durante a Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918. França, Inglaterra e, perto do final do conflito, também os Estados Unidos a utilizaram, ao lado das grandes inovações tecnológicas surgidas durante aquela terrível carnificina.

Em 1914, os britânicos criaram a Agência de Propaganda da Guerra. Os maiores esforços vieram de órgãos privados, tais como associações cívicas. Também houve colaboração de escalões políticos e militares inferiores do governo e das forças armadas. No começo, não havia muita coordenação. Com o desenrolar do conflito e sua conseqüente ampliação, foi necessária a organização de um departamento específico de informações. Na realidade, até o final da guerra, em 1918, a propaganda era realizada por órgãos civis e militares.

Todo o império foi chamado a ajudar

no esforço de guerra, aproveitando toda a experiência já existente. *“Os britânicos, em 1914, tinham um dos melhores sistemas de noticiários do mundo, uma imprensa altamente requintada, a extensa experiência em comunicações internacionais para fins técnicos e comerciais (notavelmente o sistema de cabo submarino), e aplicaram isso às finalidades bélicas com considerável facilidade.”*¹

Na verdade, o ano de 1914 marcou a inserção dos ingleses no século XX e viu nascer um sistema de maior controle sobre o cidadão comum, que perdura até os nossos dias. *“Até agosto de 1914, qualquer inglês sensato, respeitador das leis, podia passar a vida sem notar a existência do Estado, exceto pelos postos de correios e pela presença de policiais nas esquinas. Podia viver onde quisesse e como quisesse. Podia viajar para o exterior ou abandonar para sempre o país sem passaporte ou forma alguma de permissão oficial. Sem restrições ou limites, podia trocar seu*

dinheiro por qualquer outra moeda. Podia comprar bens em qualquer país em iguais condições aos habitantes desse país. Podia dizer tudo, e até um estrangeiro podia passar a sua vida neste país, sem permissão e sem informar a polícia. Diferentemente de outras nações do continente europeu, o Estado não exigia de seus cidadãos o cumprimento do serviço militar. Se preferisse, um inglês podia alistar-se no exército, na marinha ou nos corpos territoriais regulares. Podia, também, manter-se longe dos chamados da defesa nacional. Fora isso, só ajudava ao Estado quem assim o desejava. O cidadão inglês pagava impostos numa escala bem modesta. O Estado intervinha apenas para evitar que esse cidadão consumisse alimentos adulterados e pudesse contrair certas enfermidades infecciosas. Impunha regras de segurança nas fábricas, evitando que as pessoas trabalhassem horas excessivas, principalmente as mulheres. Em algumas indústrias, também havia esse cuidado com os homens. O Estado cuida



BY DANIEL H. H. TEODORO FLAJO

I WANT YOU FOR U.S. ARMY

NEAREST RECRUITING STATION



Postal 1 Cartão-postal francês intitulado **Pelo Direito e para a Civilização**, onde se vê a efígie do presidente Wilson dos Estados Unidos e as bandeiras daquele país e a da França.

Postal 2 Cartão-postal norte-americano que mostra a entrada dos EUA no conflito, em 1917, com o slogan **Nós estamos vindo, irmãos, vindo com cem mil fortes.**

Postal 3 Cartão-postal francês intitulado **Pelo Direito e para a Ci-**

vilização. Faz parte de uma série que mostra os grandes heróis franceses da Primeira Guerra Mundial. Neste postal aparece o Marechal Joffre.

Postal 4 Cartão-postal inglês mostrando uma nova tecnologia, surgida em 1916, que ajudou a derrotar os alemães na frente ocidental: o tanque de guerra. A peça foi intitulada **Tanque britânico destruindo ninho de metralhadora inimigo.**

Postal 5 Cartão-postal inglês intitulado **A honra alemã que se tornou**



vergonhosa Revela a barbárie alemã com a crucificação de uma mãe.

Postal 6 Cartão-postal francês intitulado **Irmãos de armas**. Mostra a entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1917, selando a amizade entre os dois povos, fator que deu novo fôlego aos aliados ocidentais.

Postal 7 Cartão-postal aliado intitulado **A aliança da Liberdade**. Mostra as nações aliadas, representadas por suas bandeiras, derrotando o imperador alemão.



va para que as crianças recebessem educação até os treze anos de idade. ...Porém, em termos gerais, o Estado só intervinha para ajudar a quem não podia ajudar-se, deixando em paz o cidadão adulto. Tudo isso mudou em consequência da Primeira Guerra Mundial. Pela primeira vez, a grande massa popular era de cidadãos ativos. Ordens superiores modelaram suas vidas e foi exigido que servissem ao estado, em lugar de atender só as questões pessoais. Cinco milhões de

graças a um decreto do parlamento, todos os ingleses passaram a levantar uma hora mais cedo do que estavam acostumados durante o verão. O Estado exerceu sobre seus cidadãos um controle que, apesar de suavizado em tempos de paz, nunca desapareceu por completo e, mais tarde, com a Segunda Guerra Mundial, voltou a aumentar.”²

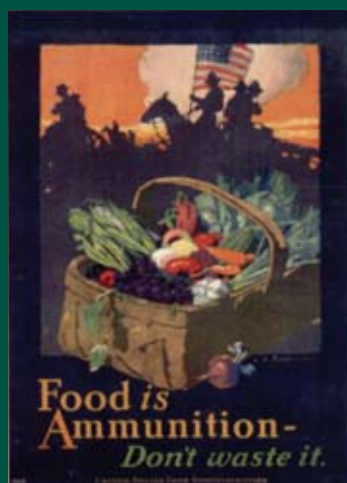
Os ingleses conseguiram mostrar que os alemães faziam propaganda na

o objetivo final que era vencer a guerra. Essas peças de propaganda também serviam para justificar as provocações da população naqueles tempos difíceis.

O imperador alemão foi transformado num monstro sanguinário e até os jornais britânicos emprestaram seu prestígio a essa causa: “como a edição do *Financial News*, num editorial que agora parece inacreditável, disse, em 10 de julho de 1915, que o



Cartaz francês intitulado **Pela França, contribua com o vosso ouro** (1915).



Cartaz norte-americano intitulado **Alimento é munição, não desperdice** (1918).



Cartaz inglês intitulado **Lembre-se da Bélgica** (1918), retratando a crueldade dos alemães.



Cartaz aliado retratando o Kaiser Guilherme II, Imperador da Alemanha, como um monstruoso gorila que quer destruir o mundo.

homens foram obrigados a servir nas forças armadas. Por ordem do governo, a comida do cidadão inglês foi limitada em termos de variedade de produtos e também em quantidade. Foi restrita a liberdade de movimento e pioraram as condições de trabalho. Certas indústrias foram fechadas, outras foram mantidas artificialmente. Apareceu a censura junto aos órgãos da imprensa. A iluminação das ruas foi diminuída. Foi restrita a liberdade de consumo de bebidas alcoólicas, com a redução dos horários de venda, e a cerveja foi batizada. Tudo havia mudado. A partir de 1916,

guerra, enquanto apresentavam a sua própria como noticiário, relações culturais ou literatura. Conseguiram “vender” a imagem de um povo culto e transformaram o inimigo em algo grotesco, cruel e sanguinário. Essas vertentes foram exploradas ao máximo por meio de cartazes, cartões-postais e de publicações na mídia impressa e falada.

Os cartazes e postais tiveram um grande apelo para a convocação de reservistas que partiriam para o front com o objetivo de conter o inimigo bárbaro, salvar a civilização e atingir

Kaiser (Imperador Guilherme II da Alemanha) ordenara um esforço especial por parte dos aviadores para matar os filhos do Rei Alberto (da Bélgica), que recompensas duplas eram pagas às tripulações de submarinos alemães a fim de afundarem navios conduzindo mulheres e crianças, e que o Kaiser, pessoalmente, determinara torturas para crianças de três anos de idade, especificando as torturas a serem infligidas”.³

Todo o aparato estatal foi colocado a serviço do esforço de guerra, no qual a propaganda teve um peso muito

² In Historia de Inglaterra 1914 - 1945, A.J.P.Taylor, Fondo de Cultura Económica, México, 1989, pág. 17/18.

³ In A Primeira Vítima, Philip Knightley, Editora Nova Fronteira, 1978, pág. 105/106



ACIMA

Cartaz francês intitulado **Eles não passarão** (1918), retratando a resistência francesa desde 1914.



AO LADO

Cartaz americano intitulado **Venha**

importante. Guardadas as devidas proporções, a propaganda também foi empregada pela França que usou lemas como *Pelo Direito e para a Civilização; Glória à Nossa França Eterna; Irmãos de Armas; Pela Liberdade dos Povos*. Na prática, a França sofreu as maiores destruições, pois quase toda a guerra na frente ocidental ficou concentrada em seu território. Isto, de certa forma, favoreceu a adesão e o ajuste do pessoal militar e diplomático à propaganda, constituindo um fator

decisivo para manter a ira de seu povo para com os invasores. Este posicionamento colaborou para que os apelos franceses fossem ouvidos pelos demais países que se mantiveram neutros ao longo da guerra.

Já os Estados Unidos, por sua vez, deram um grande fôlego e novo ânimo para os aliados ao enviarem tropas descansadas para a luta. Os norte-americanos também produziram grande quantidade de material bélico quando passaram a integrar o conflito, em 1917. Esta foi a fase em que os aliados saíram do imobilismo das trincheiras e conseguiram derrotar os alemães, apoiados por novas tecnologias.

Todo o trabalho norte-americano de comunicação foi resultado da ação de duas agências, uma civil e uma militar. A agência civil considerava o trabalho como uma missão de publicidade, para a qual foram criadas diversas seções especializadas em cartazes, filmes, grupos minoritários, imprensa de língua estrangeira, associações femininas, agências noticiosas, artigos e crônicas divulgados em periódicos e histórias em quadrinhos. Essas peças de comunicação tiveram um grande êxito no exterior, mas internamente geraram muitas atitudes que encorajavam o pacifismo e o isolacionismo, atitude que perdurou até a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, em 1941.

No caso dos cartões-postais, foram muito utilizadas as fotografias e os desenhos de cenas reais de combate, mostrando toda destruição e horror causados pelo inimigo. Esta

tática era utilizada como forma de enaltecer e estimular os combatentes e, ainda, de angariar recursos para manter a guerra.

O sucesso alcançado pela propaganda ao longo da Primeira Guerra Mundial se deu, em grande parte, pela estrutura já existente nos principais países envolvidos. *“A propaganda atingiu proeminência na guerra porque as nações envolvidas nesta haviam tornado as comunicações em grande escala uma parte de sua vida normal. O aparecimento de jornais de enorme circulação, publicidade comercial sistemática, publicidade política estudada e outras formas de manipular a opinião pública, tornaram inevitável a transferência para o terreno militar de habilidades desenvolvidas na vida civil. Em geral, os esforços de guerra psicológica de cada beligerante foram diretamente equivalentes a seus recursos de propaganda não-política de tempo de paz”*.⁴

Mas a melhor definição, se é que podemos assim dizer, foi escrita por Ernest Hemingway em *Men at War*: *“A última guerra, durante os anos de 1915, 1916, 1917, foi a mais colossal, sangüinária, desgovernada chacina que já aconteceu na Terra. Qualquer escritor que disse outra coisa, mentiu. Então, os escritores escreveram propaganda, calaram a boca ou combateram.”*

Expedito Carlos Stephani Bastos

é pesquisador de Assuntos Militares da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contatos pelo e-mail defesa@ufjf.edu.br

⁴ In obra já citada na nota 1, pág. 138.